

VERSION PORTUGAISE ET THÈME

I : VERSION

Desenhando um menino

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes, e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender. Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória da atualidade absoluta a que um dia já pertencemos? A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo, mas, para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar.

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Cooperar sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco — pela bondade necessária com que nos salvamos —, ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura.

Mas por enquanto ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve conseqüências e conseqüências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de O Menino. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz — num único gesto total, ele cai sentado. Da boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como a uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um infável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.

— Quem é que você está chamando? pergunta a mãe lá da cozinha.

Com esforço e gentileza ele olha pela sala, procura quem a mãe diz que ele está chamando, vira-se e cai para trás. Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele — mãe! — absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa a revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno.

(...)

Texto extraído de: Clarice LISPECTOR. “Desenhando um menino”. *Para não esquecer: crônicas*. São Paulo: Ática (1984), p. 69-72.

II : THÈME

Adieux à la jeunesse brésilienne¹

Jeunes gens et jeunes filles du Brésil, ce que je vais vous écrire aujourd'hui, c'est tout ce que je vous laisserai de moi, et, quand vous vous souviendrez du vieil écrivain de la Croix-des Âmes, dans vingt ans, dans trente ans, si votre mémoire m'est, par impossible, fidèle jusque-là, ce sont ces paroles, depuis longtemps oubliées, qui remonteront peut-être à votre insu des profondeurs de votre conscience. Jeunes gens et jeunes filles, écoutez-moi bien, voici mon dernier message. La liberté ne veut pas seulement être aimée, la liberté se moque actuellement d'être aimée, elle veut être sauvée, elle exige son salut. Jeunes gens et jeunes filles, c'est d'abord en vous, c'est dans vos esprits, que vous sauverez la liberté. « Mais nous sommes des esprits libres ! » répondez-vous. En êtes-vous sûrs ? Vous vous vantez d'être libres. C'est déjà la preuve que vous ne l'êtes pas encore tout à fait. Car la liberté de notre pensée se conquiert chaque jour contre nous-mêmes, contre nos habitudes, nos préjugés, l'effort de la propagande, et cette lutte ne va pas sans d'amères déceptions, des défaites humiliantes, qui vous enlèveraient — si vous en faisiez la cruelle expérience — toute certitude d'être encore vraiment libres, ou du moins de vous proclamer tels. Ah ! comment vous exprimer cela aussi clairement que je le sens ? Êtes-vous capables, à n'importe quelle heure du jour, de remettre impitoyablement au niveau des autres mortels les hommes que vous admirez le plus, courant ainsi le risque de ne plus les reconnaître, de perdre contact, de vous sentir à nouveau affreusement seuls et misérables, devant des idoles, hélas ! trop pareilles à vous ? Oh ! sans doute, la discipline que je vous propose est dure. Les vieux imposteurs ne manqueront pas de vous dire que j'en demande trop, que votre âge est l'âge heureux des illusions, que je n'ai pas le droit de vous inviter à un déchirement, à un dépouillement si cruel. Hé bien ! c'est vrai, je vous demande, je réclame, *la liberté vous impose* une clairvoyance héroïque dont vous seriez certainement dispensés dans une société digne de ce nom. Si l'exigence est, en quelque sorte inhumaine. Si la société où vous avez le malheur de vivre ne disposait pas de méthodes et de moyens presque irrésistibles de fausser votre jugement, vos cerveaux, vos consciences, l'idée ne viendrait à personne de soumettre à une telle épreuve l'enthousiasme de vos cœurs. Jeunes gens et jeunes filles, c'est vrai, vous avez droit à des illusions. Nous vous demandons, la liberté vous demande, de faire le sacrifice de ce droit. Vous êtes la dernière chance de ce monde. Le monde devrait pouvoir se contenter de voir clair à travers les yeux des hommes d'âge et d'expérience, mais ce sont aujourd'hui ces hommes-là qui refusent de voir, car, dès qu'ils lèvent les paupières, ils voient les ruines qu'ils ont faites par cupidité ou laissé faire par sottise.

Georges BERNANOS, *Brésil, terre d'amitié*, Paris, Éditions de la Table Ronde, p. 159-161.

¹ Conférence prononcée par Georges Bernanos le 22 décembre 1944 au siège de l'Union des étudiants de Rio de Janeiro.